

Ainda O Caso Vítor Escária e o Labirinto da Corrupção em Portugal

Publicado em 2025-03-07 16:52:33



O escândalo que envolve Vítor Escária, antigo chefe de gabinete do ex-primeiro-ministro António Costa, é mais um episódio que expõe as fragilidades da política e da justiça em Portugal. A apreensão de 75 mil euros em dinheiro e de uma *pen-drive* com dados sensíveis de centenas de agentes dos serviços de informação levanta questões alarmantes sobre corrupção, abuso de poder e segurança nacional.

O juiz de instrução criminal do processo *Influencer* recusou devolver o dinheiro a Escária, uma decisão que indica a existência de indícios

suficientes para suspeitar da prática de um crime de recebimento indevido de vantagem. A defesa do ex-chefe de gabinete argumenta que a quantia provém de trabalhos realizados no estrangeiro, mas essa justificação levanta mais dúvidas do que certezas, especialmente num país onde o enriquecimento inexplicável de políticos e altos funcionários públicos se tornou um padrão.

O Contexto do Caso

Este caso surge no âmbito de um inquérito mais vasto, que envolve a concessão de lítio e hidrogénio verde em Portugal, e que levou à queda do governo de António Costa. As investigações indicam que Vítor Escária, juntamente com outras figuras próximas do poder, poderá ter facilitado interesses privados em detrimento do bem público.

A descoberta da *pen-drive* no cofre do seu gabinete, contendo dados de agentes do Serviço de Informações de Segurança (SIS), do Serviço de Informações Estratégicas e de Defesa (SIED), da Polícia Judiciária (PJ) e da Autoridade Tributária (AT), agrava ainda mais a situação. Como é possível que um assessor político tivesse acesso e guardasse informação tão sensível? Quem mais tinha conhecimento deste facto? Que riscos isso representou para a segurança nacional?

A Cultura de Impunidade

Casos como este são sintomáticos de um problema estrutural: a promiscuidade entre política e negócios e a falta de responsabilização dos protagonistas. A magistrada Maria José Morgado já alertava há anos para o problema:

"A cultura de impunidade, nepotismo e amiguismo tem feito de Portugal um país pobre e atrasado."

Esta cultura de impunidade permite que políticos e altos funcionários acumulem fortunas de forma pouco clara, enquanto a justiça se arrasta, os processos são esquecidos e os envolvidos muitas vezes saem ilesos.

O Efeito no País

A sucessão de escândalos políticos e a falta de consequências concretas têm um efeito devastador na confiança dos cidadãos. O povo português, habituado a ver casos de corrupção serem abafados ou resolvidos com penas simbólicas, sente-se impotente. Frases como *"eles roubam, mas fazem obra"* ou *"é político, mas pode ter os seus negócios"* mostram o nível de resignação a que chegámos.

Por outro lado, o impacto económico e social é enorme. O desvio de recursos públicos e as decisões políticas baseadas em interesses privados resultam em serviços públicos degradados, impostos elevados e uma economia estagnada. Enquanto isso, os verdadeiros empreendedores e trabalhadores enfrentam burocracia e dificuldades sem os "atalhos" disponíveis para os que estão próximos do poder.

E Agora?

O caso Vítor Escária representa um teste à Justiça e à sociedade portuguesa. Será que este processo terá um desfecho exemplar, ou acabará como tantos outros, enterrado em recursos judiciais e esquecidos na opinião pública?

Portugal precisa de um choque de ética (que não a de Rui Rio) e transparência, mas esse caminho exige uma Justiça independente e uma cidadania mais exigente. Sem isso, continuaremos a ver as mesmas figuras a transitar entre cargos públicos e negócios privados, acumulando fortunas enquanto o país permanece estagnado.

[Francisco Gonçalves](#)

Créditos para IA, chatGPT e DeepSeek (c)